

O cabalista de Tucumán

MOACYR SCLIAR



Vi Jorge Luis Borges uma única vez, mas desse episódio não esquecerei. Estávamos em Buenos Aires, minha mulher e eu, e entramos numa daquelas galerias que tornam a cidade tão

européia. De repente, num corredor – ainda deserto, porque seriam umas 10h – avisto um homem que caminhava lentamente, em nossa direção, acompanhado de uma mulher (María Kodama, a companheira? Não lembro.) De início não o reconheci, mas quando chegamos mais perto, meu coração bateu forte: era ele, Borges.

Não me atrevi a interpellá-lo, o que seria no mínimo uma grosseria; mas segui-o, subrepticamente. Entrou numa livraria que ali existia, e ficaram alguns minutos, ele e a mulher. Quando saíram, precipitei-me lá para dentro, e perguntei à elegante e altiva proprietária se era Borges mesmo que eu tinha visto. Ela disse que sim, que o escritor costumava passar por lá de quando em quando, para autografar seus livros (um dos quais, agora, faz parte de minha biblioteca).

Fiquei feliz por ter visto Borges numa galeria. Estou convencido de que aquele era o cenário em que, apesar do trópego passo de cego, ele se movia com desenvoltura.

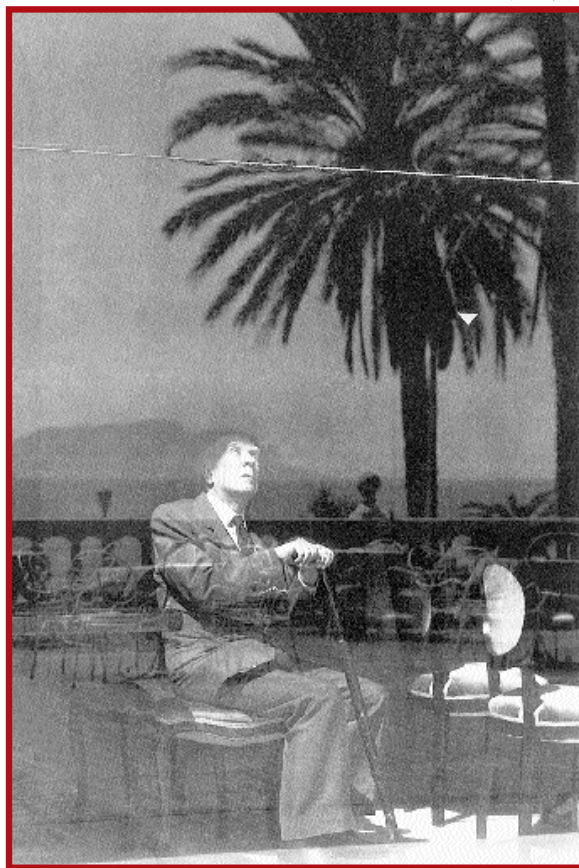
As galerias, mostrou Walter Benjamin, não comunicam apenas uma rua com outra, comunicam realidades diferentes, tempos diferentes – uma idéia que Julio Cortázar aproveitou em sua ficção. Podemos pensar em Borges assim: um escritor entre duas realidades, ou entre muitas realidades. Ele é um caso único na literatura, uma estranha combinação de local e universal, um homem versado na poesia gauchesca e nas lendas anglo-saxãs, um escritor que saía a caminhar pelas ruas de Buenos Aires e desaparecia em meio às misteriosas ruínas de alguma antiga cidade. Por causa disso, foi um incompreendido – tratar-se-ia de um alienado, para usar o termo da velha esquerda –, mas foi também glorificado: raros escritores latino-americanos despertaram tanta admiração nos Estados Unidos e na Europa. As conferências de Borges eram disputadas, ainda que um articulista do The New York Times tenha uma ocasião observado, com certo espanto, “he charges handsomely”, ou seja, ele cobrava como um aristocrata. O que, aliás, ele era.

A pergunta que se pode fazer é: o que fez de Borges um escritor tão diferente? Que influências o levaram a criar uma ficção tão original? E aí as respostas são muitas.

Borges, que habitava o mundo dos livros (era um “leitor feliz”, segundo sua própria expressão), bebeu de muitas fontes. Uma delas, diz Saul Sosnowski, professor de Literatura na Universidade de Maryland, em *Borges y la Cabala: la*

A cabala judaica está presente em boa parte da poesia e da ficção borgianas

FERDINANDO SCIANNA, REPRODUÇÃO/ZH



Borges em 1984, na Itália, fotografado por Ferdinando Scianna

Búsqueda del Verbo (Buenos Aires, Hispamérica, 1976), é a corrente místico-religiosa judaica representada pelo cabalismo. A cabala, explica o grande estudioso do tema, Gershom Scholem, é o termo tradicional mais comumente usado para designar os ensinamentos esotéricos do judaísmo e do misticismo judaico. Convencidos de que Deus criou o universo por meio do verbo, os cabalistas buscavam encontrar, nas palavras, a oculta sa-

bedoria capaz de explicar o universo e o sentido da vida. A veneração, na realidade, chegava a cada letra: tudo o que existe, observa Scholem, consiste em letras da divina linguagem. Daí a advertência do Rabi Ishmael ao Rabi Meir, que era escriba e fazia cópias da Torá, o Livro Sagrado: “Meu filho, toma cuidado em teu trabalho, porque é trabalho divino; se omites uma única letra, ou escreves uma letra a mais, destruirás o mundo” (o que

é, convenhamos, o sonho de todo escritor: criar ou destruir com uma única letra). Os cabalistas buscavam o texto definitivo, o texto que “é o que é”, para usar a expressão bíblica de definição de Deus, e que não admite correções nem variações. Um sonho semelhante têm os escritores, como diz Borges em *Otras Inquisiciones*: “O exercício das letras pode promover a ambição de construir um livro absoluto, o livro dos livros, que inclua a todos como um arquétipo platônico”.

Numa entrevista dada em 1971, Borges conta que chegou à cabala depois de uma longa conversa com Gershom Scholem e depois da leitura de *Der Golem*, de Gustav Meyrink. O Golem é uma das mais impressionantes lendas cabalistas. Conta a história que os judeus de Praga, desesperados com a perseguição de que eram vítimas, pediram ao rabi Judah Low que os defendesse. O rabino confeccionou com barro um imenso andróide, dotado de força descomunal. Ele tinha escrito na testa a palavra *Emet*, verdade; mas o rabino poderia destruí-lo mediante a remoção de uma simples letra: *Emet* se transformaria em *Met*, morte. Sobre o Golem, Borges escreveu aquele que considerava o seu melhor poema (peço licença para discordar; a poética borgiana tem coisas imensamente superiores). Nele, descreve a angústia do rabino: “*El rabi lo miraba con ternura / Y con algún horror. ¿Como (se dijo) / Pude engendrar este penoso hijo? (...) ¿Por qué di en agregar a la infinidad serie un símbolo más?*”

A veneração de Borges pelo texto aparece, contudo, em muitos outros contos e poemas. Exemplo é *A Biblioteca de Babel*, no qual lança a idéia de uma “biblioteca total”. Todos os livros que podem ser obtidos pela combinação de letras, em qualquer idioma, estão ali, nessa biblioteca que tem existido por toda a eternidade. Em *Otras Inquisiciones*, diz também: “Somos versículos ou palavras ou letras de um livro mágico, e esse livro incessante é a única coisa que há no mundo; melhor dizendo, é o mundo.”

Essa veneração pelo livro é inteiramente compreensível em alguém apaixonado pela leitura desde a infância. Em entrevista a Alberto Manguel, Borges contou que, em criança, acompanhava o pai à Biblioteca Nacional e, sem coragem de pedir um livro, extraía das prateleiras um volume qualquer da Enciclopédia Britânica e lia ao acaso, pelo prazer de ler. Também entendemos por que não escreveu romances, uma forma que, segundo afirmou a Juan José Saer, exige uma identificação com os personagens. Borges não estava interessado em personagens, estava interessado nas palavras – daí o poema, daí o conto. Daí sua preferência pelos símbolos: o tigre, o labirinto, o espelho. O que está soberbamente resumido no poema intitulado *A Israel: “Quién me dirá si estás en el perdido / laberinto de rios seculares / de mi sangre, Israel? Quien los lugares / que mi sangre y tu sangre han recorrido? / No importa. Sé que estás en el sagrado / Libro que abarca el tiempo y que la historia / del rojo Adán rescata y la memoria / y la agonía del Crucificado. / En ese libro estás, que es el espejo / de cada rostro que sobre él se inclina / y del rostro de Dios, que en su complejo / y arduo cristal, terrible se advina”*.